



## (DES) ACERTOS: DESAFIOS DO PIBID PEDAGOGIA ANOS INICIAIS/UFRGS

Amanda Marchewski\*,  
Victória Jantsch Kroth\*,  
Daniele Noal Gai,  
Dóris Almeida

Eixo temático: Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais

Ao contarmos uma história é comum exaltarmos apenas os sucessos, pois há uma reputação da falha que nos leva a pensá-la como desinteressante e inútil. O sucesso, ao final, parece anular todas as falhas do caminho e contestá-las nem sequer é considerado. Mas é preciso. Por sua vez, o sucesso não anula os problemas de percurso, não exclui a necessidade de problematizá-los e questionar se é desta forma que as coisas devem acontecer - até que ponto estas dificuldades dentro do trabalho de docência se justificam?

Os desafios da educação, e, por conseguinte, da docência se inserem não só dentro do contexto básico da sala de aula, mas também nas atividades relativas à mesma. Desafios estes que, no PIBID, nos instigam de uma forma compartilhada, sendo que as soluções podem vir por meio da(s) bolsista(s), das coordenadoras de sala de aula, das orientadoras, das professoras, da gestão da escola ou até mesmo dos outros funcionários. Senão para a denúncia da naturalização de percalços desnecessários, que esta exposição de nossos problemas seja sobre o compartilhar e encontrar-se no outro. Pretendemos compartilhar algumas dificuldades e desafios encontrados durante as aulas e planejamentos das bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PIBID Pedagogia Anos Iniciais/UFRGS). O Programa atua na educação pública, fortalecendo o vínculo entre escolas e Universidades. Praticando e valorizando a docência compartilhada, o PIBID Pedagogia Anos Iniciais/UFRGS contempla cerca de 100 crianças, em turmas de 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, de duas Escolas Estaduais localizadas no município de Porto Alegre.

Guiadas pela Educação Sensível e fundamentadas na leitura dos livros *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*, de João-Francisco Duarte Jr, e *Como Conversar com um Fascista*<sup>1</sup>, de Márcia Tiburi acreditamos na necessidade de enaltecer o banalizado e valorizar as coisas simples e essenciais da vida, aspirando o “desenvolvimento de sujeitos mais plenos e inteiros em seu contato com o mundo” (DUARTE JR, 2001). Tendo Direitos Humanos como tema principal neste ano, desenvolvemos trabalhos relevantes e

<sup>1</sup>TIBURI, Márcia. *Como conversar com um fascista*. São Paulo: Record, 2015.



intensos com as crianças, que provocaram reflexões sobre si mesmo, o outro, a sociedade, questões raciais e de gênero. Tratamos sobre alguns personagens que foram importantes na luta pelos Direitos Humanos - como Nelson Mandela, Mahatma Gandhi e Frida Kahlo -, que suscitaram discussões sobre racismo, não-violência e feminismo, junto a atividades como releituras, teatro e autorretratos. Contudo, mesmo que as propostas tenham dado certo e o trabalho resultado na *Mostra dos Direitos Humanos* e, conseqüentemente, no *Álbum dos Direitos*, nem sempre as coisas fluíram conforme o planejado. É preciso que, dentro deste planejamento, estejamos conscientes dos imprevistos: o dia, a disponibilidade e a energia das *pibidianas* e das crianças - pois somos muito mais do que nossos papéis dentro da sala de aula e estes ambientes que circulamos conversam e se cruzam inevitavelmente. Por muitos momentos, tivemos que, minutos antes de entrarmos em sala, sentar e repensar a aula, discutir assuntos para serem resolvidos imediatamente e improvisar. Sendo assim, a confiança e a autonomia do/no grupo é fundamental para o bom andamento das aulas e aprendizagens mais significativas para todos os envolvidos.

A docência compartilhada incentiva o pensamento coletivo, a convivência, o respeito ao outro e o trabalho em grupo, pois contamos, confiamos e apoiamos umas às outras. Certamente, isso é um grande exemplo para as crianças. Contudo, a harmonia deste processo é uma construção árdua e delicada. É necessário que saibamos diferenciar quem somos como pessoas de quem queremos ser como um grupo docente, a imagem que construímos diante das crianças. É desafiadora a relação que buscamos construir com as crianças: uma relação o mais horizontal possível sem perder o respeito como professoras. Porém, principalmente para a turma dos segundos anos, parece ser uma relação pouco palpável na maioria das vezes, pois possivelmente as aulas do PIBID se tornam um momento para extravasar a energia, que aliada ao vínculo e ao ambiente que criamos, contribui para que fiquem mais agitados e empolgados. Assim, buscamos acalmá-los por meio do diálogo e da reflexão, estimulando a oralidade e o senso crítico.

A prática e a experimentação são feitas de erros e acertos. Sempre optamos pelo que consideramos mais propício e produtivo para o andamento das aulas, mas nem sempre fazemos a escolha certa. Em dado momento, ao refletirmos sobre nossa prática percebemos que estávamos utilizando grande parte do tempo solicitando que as crianças fizessem silêncio para realizar as atividades propostas. Será que assim estamos respeitando o tempo e as multiplicidades de cada um? Por que não fazem silêncio: estão sendo “mal-educados” ou nossas propostas não os interessam? Por isso, combinamos que não pediríamos mais silêncio - tentando respeitar ao máximo o tempo e os anseios das crianças - e quando se agitassem demais apenas ficaríamos quietas, observando, esperando que por conta própria percebessem o ambiente ao seu redor. Assim, na aula posterior esperamos alguns poucos minutos até que eles mesmos começaram a perceber e repreender uns aos outros sobre o barulho excessivo que produziam e a falta de atenção



às professoras. São pequenas atitudes que influenciam completamente no andamento da aula e na relação com os alunos, é preciso ser e acreditar na prática sensível, “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2017, p. 58).

Tendo em mente que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (BONDÍA, 2002, p.21), os erros e acertos, dificuldades e desafios enfrentados nas aulas do PIBID Pedagogia Anos Iniciais nos fortalecem e propiciam meios para refletir e repensar nossa atuação, nossas convicções e nossa constituição como professores. Quando o caos se instala em sala de aula, e cinco *pididianas* juntas parecem não poder controlá-lo, o desespero também se instala. Nestes momentos o coração aperta e o sentimento de fracasso impera: por que não me ouvem? Sou invisível? Não sou suficiente? Parecemos as únicas, sozinhas neste mar de caos e desafios gigantes da docência: estou fazendo certo? O conteúdo está sendo compreendido? Está significando algo para estes alunos? Ao final das aulas, grande parte destes sentimentos ruins se esvaem ao compartilharmos em grupo. Quando percebemos que juntas absorvemos estes momentos difíceis de forma similar ou diferente, é possível discuti-los e enxergar uma saída. A docência compartilhada do PIBID possibilita uma primeira experiência em sala de aula mais humanizada, pois há suporte de nossos pares - através de um diálogo ou simplesmente um afeto. Em meio às crises, cortes, censuras e projetos que desvalorizam cada vez mais o educador é preciso que as coisas nos toquem, “nos aconteçam”, nos instiguem a seguir, a pensar, a agir e a lutar pelo que acreditamos, pelo nosso futuro e nossos sonhos. É necessário mais diálogos, pensamentos críticos, coletividade e sensibilidade para que mudanças aconteçam, pois, segundo Freire (2017), é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar o amanhã.

**Palavras-chave:** PIBID. Docência Compartilhada. Desafios da Docência.

## REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

DUARTE JR. João-Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2017.